

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Jéssica Camargo Nogueira

**A CULPA NA TRADIÇÃO CRISTÃ CATÓLICA, COMO ELEMENTO DE ANULAÇÃO DO SER E
REAFIRMAÇÃO DA VIVÊNCIA DO PECADO ORIGINAL.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Professor Doutor Jimmy Sudário Cabral

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Jéssica Camargo Nogueira, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201273053A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: A CULPA NA TRADIÇÃO CRISTÃ CATÓLICA, COMO ELEMENTO DE ANULAÇÃO DO SER E REAFIRMAÇÃO DA VIVÊNCIA DO PECADO ORIGINAL, desenvolvido durante o período de setembro/2022 a janeiro/2023 sob a orientação de Professor Doutor Jimmy Sudário Cabral, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Jéssica Camargo Nogueira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A CULPA NA TRADIÇÃO CRISTÃ CATÓLICA, COMO ELEMENTO DE ANULAÇÃO DO SER E REAFIRMAÇÃO DA VIVÊNCIA DO PECADO ORIGINAL.

Jéssica Camargo Nogueira¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o sentimento de culpa como um método de anulação do ser e visita os ensinamentos e vivências da fé cristã católica, a fim de aguçar os conceitos de pecado e culpa, que estão interligados e relacionados à noção de justiça e moralidade. O desenvolvimento do conceito de culpa, enquanto invalidação do próprio ser, pode ser analisado tendo em vista que a religião é uma fonte de culpa para algumas pessoas, especialmente se elas acreditam que suas ações vão contra os ensinamentos de sua fé ou são condenadas pelas autoridades religiosas. A culpa pode ser também um sentimento comum entre aqueles que se sentem inadequados em relação aos padrões morais ou espirituais de sua religião, sendo vista como um modo de arrependimento ou remorso por ter cometido um pecado ou por ter falhado em cumprir os seus deveres e obrigações. Mas será mesmo, que a culpa é um sentimento que envolve o ser humano de peso de pecados, que o afasta de Deus? Ou a culpa é um conceito que o próprio ser humano se apropriou para infligir em si mesmo e ao outro, o flagelo, a fim de julgar a existência humana?

Palavras chave: CULPA. ANULAÇÃO DO SER. RELIGIÃO. PECADO ORIGINAL.

1. INTRODUÇÃO

Quem inventou a culpa? Essa pergunta deve ser refletida, quando certas faltas cometidas podem ser transmitidas de geração para geração, sem envolver responsabilidade pessoal, como será tratado o sentido do Pecado Original, para a religião cristã católica, nesse estudo. Levando em consideração a complexidade, profundidade e multiplicidade do sentimento de culpa, é necessário, esclarecer inicialmente, o modo que será trabalhado o presente artigo para refletir sobre essa culpa, como um sentimento de anulação do próprio ser, partindo do princípio da crença cristã católica, percorrendo documentos oficiais da Igreja Católica, ensinamentos e dogmas religiosos da expressão de pecado, que está ligado ao termo culpa. Serão visitadas passagens da Bíblia, que discorrem sobre o sentimento de culpa e pecado, de livramento de sofrimento e perdão daqueles que assumem suas culpas, Bíblia escrita por seres humanos racionais, de corpos carnis, que alegaram receber uma inspiração divina e escreveram juízos de crenças e orientações morais.

As religiões, em uma visão ampla, foram e continuam sendo um ponto de referência de regras de conduta e valores éticos e morais. De forma geral, as religiões propõem conceitos para a convivência entre as pessoas na sociedade, associando seus valores e seus comportamentos sexuais à culpa, vergonha e repulsa, como será apresentado aqui, a vergonha de estarem nus, Adão e Eva, pós cometerem o Pecado Original. Houve condenações durante séculos feitas por religiões no campo da sexualidade, o método mais utilizado pela maioria das religiões para controlar o comportamento sexual das pessoas foi e ainda é canalizado principalmente pelo sentimento de culpa.

A culpa é frequentemente associada à ideia de pecado, ou seja, ao ato de violar as leis ou os ensinamentos de Deus. As várias denominações cristãs têm visões diferentes sobre o pecado e como ele é perdoado. O pecado pode ser interpretado como uma falha ou fraqueza humana, ou visto como uma escolha consciente e deliberada de se afastar de Deus. A culpa é uma emoção complexa e multifacetada que pode ser experimentada em diferentes contextos de existências e por diferentes razões, também pode ser um sentimento doloroso e pesado de se carregar, especialmente quando se é incapaz de entender a si mesmo pelos “erros” do passado e especialmente se esse passado não diz respeito a vivência de sua própria existência.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: j.nogueira@hotmail.com.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Jimmy Sudário Cabral.

2. O PECADO ORIGINAL E A CULPA

O que é o Pecado Original? É apresentado em primeiro momento o sentido especificamente literal de dentro da Sagrada Escritura, a fim de ser entendido o significado sem interpretações de filósofos ou teólogos ainda, sobre o significado do pecado original. A Bíblia Sagrada, relata a desobediência de Adão e Eva, da ordem divina de não comer o fruto da árvore proibida, e por estímulo da serpente, a mesma Bíblia Sagrada ensina que, Adão e Eva, se rebelaram contra Deus, vergando sob o peso da tentação de serem como deuses, quando provaram do fruto:

"1.A serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o Senhor Deus tinha formado. Ela disse à mulher: 'É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda árvore do jardim?' 2.A mulher respondeu-lhe: 'Podemos comer do fruto das árvores do jardim. 3.Mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: 'Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais'.' 4.'Oh, não! – tornou a serpente – vós não morrereis! 5.Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal.' 6.A mulher, vendo que o fruto da árvore era bom para comer, de agradável aspecto e muito apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente. 7.Então os seus olhos abriram-se; e, vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram tangas para si. 8.E eis que ouviram o barulho (dos passos) do Senhor Deus que passeava no jardim, à hora da brisa da tarde. O homem e sua mulher esconderam-se da face do Senhor Deus, no meio das árvores do jardim. 9.Mas o Senhor Deus chamou o homem e perguntou-lhe: 'Onde estás?'. 10.E ele respondeu: 'Ouvi o barulho dos vossos passos no jardim; tive medo, porque estou nu; e ocultei-me'. 11.O Senhor Deus disse: 'Quem te revelou que estavas nu? Terias tu porventura comido do fruto da árvore que eu te havia proibido de comer?'. 12.O homem respondeu: 'A mulher que pusestes ao meu lado apresentou-me deste fruto, e eu comi'. 13.O Senhor Deus disse à mulher: 'Por que fizeste isso?'. 'A serpente enganou-me – respondeu ela – e eu comi'." (Gn 3,1-13)

No Catecismo da Igreja Católica, documento de referência histórica e bíblica, seguro e autêntico, para o ensino da Doutrina Católica, ensina a cerca do Pecado Original que:

"É preciso conhecer Cristo como fonte da graça para reconhecer Adão como fonte do pecado. Foi o Espírito Paráclito, enviado por Cristo ressuscitado, que veio «confundir o mundo em matéria de pecado» (Jo 16, 8), revelando Aquele que é o seu redentor. 389. A doutrina do pecado original é, por assim dizer, «o reverso» da Boa-Nova de que Jesus é o Salvador de todos os homens, de que todos têm necessidade da salvação e de que a salvação é oferecida a todos, graças a Cristo. A Igreja, que tem o sentido de Cristo (263), sabe bem que não pode tocar-se na revelação do pecado original sem atentar contra o mistério de Cristo." (Catecismo da Igreja Católica. PRIMEIRA PARTE. SEGUNDA SECÇÃO; CAPÍTULO PRIMEIRO, §389)

Sendo assim, quando o homem, por meio de Adão, se deixou tentar pela serpente, teve em seu coração e em sua existência, a morte da confiança de Deus. Mal usando da liberdade que tinha, de comer todos os frutos de todas as árvores que existiam em sua posse, desobedeceu ao mandamento de Deus e se alimentou do fruto que era proibido. Nisso consistiu o primeiro pecado do homem, segundo a tradição cristã de fé, a desobediência do homem, que é ilustrada por meio do "comer o fruto da árvore proibida". A partir desse pecado, o Pecado Original, todo o pecado é uma desobediência a Deus e uma falta de confiança na sua bondade. Ainda pelos ensinamentos do Catecismo da Igreja Católica é possível reafirmar que o pecado de Adão, não somente deixou consequências na humanidade, pois foi o primeiro a ser cometido, como o fardo ainda é carregado por toda a humanidade nos dias atuais:

“404. Como é que o pecado de Adão se tornou o pecado de todos os seus descendentes? Todo o género humano é, em Adão, «sicut unum corpus unius hominis – como um só corpo dum único homem» (294). Em virtude desta «unidade do género humano», todos os homens estão implicados no pecado de Adão, do mesmo modo que todos estão implicados na justificação de Cristo. Todavia, a transmissão do pecado original é um mistério que nós não podemos compreender plenamente. Mas sabemos, pela Revelação, que Adão tinha recebido a santidade e a justiça originais, não só para si, mas para toda a natureza humana; consentindo na tentação, Adão e Eva cometeram um pecado pessoal, mas este pecado afeta a natureza humana que eles vão transmitir num estado decaído (295). É um pecado que vai ser transmitido a toda a humanidade por propagação, quer dizer, pela transmissão duma natureza humana privada da santidade e justiça originais. E é por isso que o pecado original se chama «pecado» por analogia: é um pecado «contraído» e não «cometido»; um estado, não um acto.” (Catecismo da Igreja Católica. PRIMEIRA PARTE. SEGUNDA SECÇÃO; CAPÍTULO PRIMEIRO, §404)

É possível, a partir da específica visão alcançada, por meio dos ensinamentos do Catecismo da Igreja Católica e da Sagrada Escritura, até aqui, que Adão carregava o princípio da natureza humana, e que a partir do primeiro pecado, essa natureza humana foi corrompida, e de um homem corrompido, Adão, descendem homens corrompidos, toda a humanidade, portanto. Se Deus criou toda a raça humana por meio de Adão como um indivíduo representado por nosso primeiro pai, então, ninguém pode dizer que não é responsável pela desobediência de Adão, pois todos pecaram por ele e nele e seu pecado é imputado a toda a humanidade.

Da mesma forma que o pecado se estende na genética religiosa cristã de Adão para com toda a humanidade, a culpa do pecado também faz parte dessa herança e é projetada como peso na procedência do ser humano.

É preciso refletir, em próximos passos, a existência da responsabilidade individual do pecado, e da responsabilidade que é projetada por meio da religião cristã católica no ser humano.

3. RELIGIÃO, PECADO E CULPA

O que a historiografia religiosa revela é que o sentimento de culpa e a necessidade de revelação dos pecados, se tem feito presente na vida do ser humano, interferindo ora na vivência diária do indivíduo, ora em toda a sua visão de mundo. Com base nisso é possível notar o movimento de diminuição do ser, por meio do auto-conhecimento da afirmação da culpa, que é considerável e consciente, quando é assumida.

É esse fato, de assumir a culpa, é tratado como uma necessidade pela Igreja, de assumir o pecado e pedir perdão por ele, como é possível a verificação em um dos documentos da Igreja Católica, escritos pelo Papa João Paulo II - *Carta Encíclica REDEMPTOR HOMINIS*: “(...) definitivamente é necessário que neste acto se pronuncie o próprio indivíduo, com toda a profundidade da sua consciência, com todo o sentido da sua culpabilidade e da sua confiança em Deus, pondo-se diante d'Ele, à semelhança do Salmista, para confessar: « Pequei contra vós! » (...)” (JOÃO PAULO II, 1979) e ainda mais adiante, nesse mesmo documento o Papa João Paulo II reafirma a necessidade da admissão do pecado, por meio do Sacramento da Penitência:

“...A Igreja, ao manter o sacramento da Penitência, afirma expressamente a sua fé no mistério da Redenção, como realidade viva e vivificante, que corresponde à verdade interior do homem, corresponde à humana culpabilidade e também aos desejos da consciência humana. « Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados ». [178] O sacramento da Penitência é o meio para saciar o homem com aquela justiça que provém do mesmo Redentor.” (JOÃO PAULO II, 1979)

A partir disso, é notável que: o pecado, e a culpa por efeito, tem a tendência para afastar o ser humano de Deus e agir de acordo com os próprios desejos e interesses, como Adão realizou no ato do Pecado Original. A culpa é então uma forma de reconhecer essa quebra da lei de Deus e anular a si próprio dos seus desejos e vontades.

Para argumentar ainda mais a existência da necessidade da Igreja fazer com que o ser humano assuma seus pecados e isso seja cada dia mais enraizado em sua existência, se faz transparente aqui a apresentação dos pecados capitais, da Igreja Católica. No ano de 590 d.C., o Papa Gregório, transformou oito tentações nos sete pecados capitais, porém essa lista só se tornou "oficial" na Igreja Católica no século 13, com a Suma Teológica, documento publicado pelo teólogo São Tomás de Aquino, que é apresentada aqui, para se ter noção do sentido de capital, da expressão pecado capital:

"Capital vem de cabeça. Ora, esta propriamente é o membro principal e diretivo de todo o animal. Por isso, chama-se metaforicamente, cabeça a tudo o que é princípio e diretivo; e também os homens, que dirigem e governam, são chamados cabeças. Por onde, de um modo, a denominação de vício capital vem de cabeça, em sentido próprio. E nesta acepção chama-se pecado capital o punido com a pena capital. (...) mas consideramos aqui o pecado capital como derivado de cabeça, em outra acepção, a saber, a metafórica, significando que ele é o princípio ou o diretivo dos outros pecados. E assim chama-se vício capital aquele donde os outros nascem, e principalmente quanto à origem da causa final que é a origem formal como (...) Por onde, o vício capital não só é o princípio dos outros, mas também os dirige e de certo modo os chefia. Pois sempre a arte ou o hábito, a que pertence o fim, tem o principado e o império sobre os meios. Por isso Gregório compara esses vícios capitais com os chefes dos exércitos." (TOMÁS DE AQUINO. AC, 2016)

E são os sete pecados capitais merecedores de condenação segundo a Igreja Católica: gula, luxúria, avareza, ira, soberba, vaidade e preguiça. Verifica-se que a intenção da Igreja, a partir da criação e divulgação dos pecados capitais era tornar excessos em pecados e transformar a mente humana em um arcabouço de sentimento de culpa, reforçando aqui uma proporção da culpa, enxergada sobretudo pela ciência da punição.

"O princípio da soberba do homem é renegar a Deus. Porque o seu coração afasta-se daquele que o criou, porque o princípio de todo o pecado é a soberba. Aquele que se entrega a ela, será cheio de maldições, e ela por fim será a sua ruína." (Eclo 10,15.14). É possível refletir, nesse sentido, que o orgulho do ser humano é um sentimento que busca tirar a adoração e culto a Deus, de forma que o ser humano se coloca a si mesmo em veneração, quando comete um pecado, que o afasta de Deus e trocando de lugar com Deus e sua majestade, tirando Deus de seu lugar soberano. Isso é interpretado como uma forma de egolatria, que inverte a ordem e autoridade de Deus, e o homem ocupa esse lugar, se auto venerando. A partir do orgulho, por meio da soberba, há o abandono do amor a Deus em função do próprio amor.

A Bíblia narra que Deus entregou o seu Filho, Jesus, para que, na cruz, pudesse resgatar a humanidade perdida pelo pecado original: "Por isso mesmo, ele é o Mediador da nova aliança, a fim de que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia sob a primeira aliança, recebam a promessa da eterna herança aqueles que têm sido chamados" (Hebreus 9:15) A partir da entrega de Jesus, nasce uma nova criatura, livre da dívida do pecado original. De acordo com a vontade divina, São Paulo escreve aos Coríntios: "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Cor 5:17-18). No Novo Testamento há a afirmação de que Jesus Cristo é o único caminho para a salvação, com a narração: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14:6). Antes da entrega de Jesus, houve pecado e condenação. Todos pecaram "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:23) e mereceram a morte espiritual: "Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor." (Romanos 6:23).

Contudo, existem ensinamentos atuais em discursos religiosos que produzem a necessidade, de os fiéis cristãos ficarem atentos às novas dívidas que estão por vir, mesmo Cristo vindo e redimindo todos os pecados, há a pregação de que com a oração, que ensinou Jesus toma-se o caminho do perdão: "e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores. (...) Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará" (Mateus 6. 12 e 14).

4. REMISSÃO POR MEIO DO BATISMO NO CATOLICISMO

De onde então vem a salvação e o perdão dos pecados? Não é daquele que enviou Cristo Jesus para este mundo a fim salvar os pecadores, "...Os quais ele conheceu, predestinou, chamou, justificou e glorificou..."?

(Rm 8,29-30). Para a fé cristã, é insensato que não sejam rendidas graças incontáveis para a misericórdia daquele que libertou os que quis e cuja justiça não se haveria de inculpar mesmo que condenasse todos os seres humanos, pelo pecado que fora transmitido pela herança de Adão aos homens, sendo assim, toda a raça humana merecia ser castigada. E se todos recebessem a punição a qual Deus transmitiu por meio do pecado de Adão, a punição não seria injusta, segundo a tradição cristã: "Por isso os que são libertados pela graça não se denominam vasos de seus méritos, mas vasos de misericórdia." (Rm 9,23), sendo assim, os homens que recebem a misericórdia de Deus, por meio da remissão dos pecados, além do pecado original, que já está contida em sua herança, por meio de Adão, deve render graças a Deus e procurar não pecar mais.

Para o cristianismo, o pecado é do homem, mas sua cura depende de Deus e de seu amor, para que o ser humano seja redimido dos seus pecados, assim ensina o Catecismo da Igreja Católica:

"733. «Deus é Amor» (1 Jo 4, 8.16) e o Amor é o primeiro dom, que contém todos os outros. Este amor «derramou-o Deus nos nossos corações, pelo Espírito Santo que nos foi dado» (Rm 5, 5). 734. Uma vez que estamos mortos, ou pelo menos feridos pelo pecado, o primeiro efeito do dom do Amor é a remissão dos nossos pecados. E é a comunhão do Espírito Santo (2 Cor 13, 13) que, na Igreja, restitui aos batizados a semelhança divina perdida pelo pecado."(Catecismo da Igreja Católica. PRIMEIRA PARTE. SEGUNDA SECÇÃO; CAPÍTULO TERCEIRO, §733-734)

Será refletida aqui a remissão dos pecados, de forma específica pelo batismo, trazendo reflexões a cerca dos pensamentos de Pelágio, por meio de Santo Agostinho, em sua obra: *Patrística - A graça (I): O espírito e a letra - A natureza e a graça - A graça de Cristo e o pecado original*, sob a ótica de que Pelágio fomenta o discurso a cerca do batismo e da herança do Pecado Original:

"...se cada um nasce com alma pura e inocente sem nenhuma mancha, não tinha sentido para os recém-nascidos receberem o batismo "em remissão dos pecados". Pelágio insiste, sobretudo, na responsabilidade do homem e sobre a necessidade de um empenho ascético radical. Sustentava que o homem podia fazer o bem e evitar o mal por suas próprias forças e que o pecado de Adão não se transmitia como tal a seus descendentes." (AGOSTINHO. 1998)

"Pois, pelo batismo nós fomos sepultados com ele na morte para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos vida nova." (Rm 6,4). De acordo com o pensamento de Pelágio, sobre a não herança do pecado, não existe a remissão:

"Para Pelágio, que, negando o nascimento da humanidade no pecado original, negava a necessidade da redenção de Cristo, a graça era só uma ajuda externa à liberdade, ajuda no sentido da criação, da revelação, da remissão dos pecados. A liberdade tem sua autonomia desde a criação, autonomia radical nas decisões referentes a seu destino." (AGOSTINHO. 1998)

O afirmar de Pelágio, que o desmoronar do homem contagiou a natureza de pecado, era apenas uma maneira de justificar as suas próprias más atitudes, visto que para Pelágio o pecado de Adão era exclusivamente de responsabilidade dele, assim também, todos os erros descritos na Bíblia são apenas formas de advertências para que o ser humano não os faça repetir, pois o pecado é nada mais que a formulação de aprendizado e imitação constante, não estando arraigado na natureza do homem.

Santo Agostinho, que se tornou inimigo da fé católica de Pelágio, mostra, que em determinados argumentos, Pelágio, caiu em contradição, sobre o batismo de crianças recém-nascidas, quando afirma que: "As crianças que morrem sem batismo, sei aonde não vão; mas não sei aonde vão". (AGOSTINHO. 1998) Isto é, afirmava que não vão para o reino dos céus, conforme o desejo dos que são perdoados de seus pecados, mas dizia não saber aonde vão por não concordar com o cristianismo e afirmar que a morte eterna é destino daqueles que sabia não terem cometido nenhum mal, mas não admitia que tivessem contraído o pecado original, por meio de Adão.

Pelágio sustentava que o homem podia fazer o bem e escapar o mal por suas próprias atitudes:

"Cada alma é criada por Deus, para cada ser humano, no ato de seu nascimento. Esta alma é pura e livre, portanto, cada homem deve se salvar com suas próprias forças. Deus concede aos homens a graça de conhecer o que é bom, mas deixa- os livres para segui-lo ou recusá-lo. A salvação se obtém, pois, mediante a recompensa de uma vida virtuosa. A boa vontade e as boas obras são suficientes para que o homem alcance a salvação sem necessidade da graça sobrenatural." (AGOSTINHO. 1998)

A cerca da remissão do pecado, por meio do batismo, é preciso reforçar que a condenação da fé cristã atinge os que não puderam ser contemplados da remissão por meio batismo também, " 'Eu, porém, digo que a criança nascida num lugar, onde não pôde ser socorrida pelo batismo de Cristo, surpreendida pela morte, deixou este mundo sem o banho da regeneração, porque não lhe foi possível recebê-lo'. Que ele a absolva e abra-lhe o reino dos céus contra a sentença do Senhor." (Jo 3,5).

E também não a absolve São Paulo, que diz na Carta aos Romanos: "Por meio de um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram." (Rm 5,12). Portanto, pela Sagrada Escritura, Lei dos que seguem Deus, pela condenação, que atinge todos os homens, por causa de Adão, não é admitido no reino dos céus para aquele que não somente não é, mas também aquele que não teve a oportunidade de ser cristão. Pela lei de Deus, é preciso temer a Deus, pela fé é preciso esperar em Deus; mas para os que temem o castigo de Deus o perdão permanece oculto. Sendo assim, a alma do pecador, para além do batismo, precisa vencer o mal que já está contido no homem. Como pregou Bento XVI, em sua homilia, no momento da oração do Ângelus Dominical, em setembro de 2012:

"...no se fechar do homem, no seu isolamento, isso não depende apenas dos órgãos sensoriais. Existe uma teimosia interior, segundo os ensinamentos da fé cristã, que concerne o núcleo profundo da pessoa, aquele que a Bíblia chama de o 'coração'. Cristo 'fez-se homem para que o homem, tocado pelo pecado interiormente surdo e mudo, torne-se capaz de escutar a voz de Deus, a voz do amor que fala com seu coração, e desta maneira aprenda à sua vez a falar a linguagem do amor, a comunicar com Deus e com os outros." (Bento XVI. 2012).

"E tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará seu povo dos seus pecados." (Mt 1,21). Então, como haverá salvação, se não há pecado, a partir do pensamento de Pelágio? Os pecados, dos quais diz a Bíblia que se será salvo o povo de Cristo, não são certamente substâncias:

"Se dermos por certo que o pecado não é substância, não se diria também que o não comer, para não falar de outras coisas, não é substância? Dir-se-ia melhor que é o privar- se da substância, pois o alimento é substância. Mas o abster-se de alimento não é substância, mas a substância corporal, se se priva do alimento, de tal modo se enfraquece, deteriora-se pelo desequilíbrio da saúde, consomem-se suas forças, se extenua e se abate pela lassidão que, se de algum modo continua vivendo, mal poderá se acostumar novamente ao alimento, cuja abstenção foi causa de sua ruína. No mesmo sentido, o pecado não é substância. Mas Deus é substância e a suma substância e o único alimento de criatura racional. Afastando-se dele pela desobediência e não podendo tomar o que podia ser sua alegria devido à fraqueza, podes ouvir o que diz: Ressequido como a erva, o meu coração esmorece, esqueço-me até de comer o meu pão (Sl 102,5)." (AGOSTINHO, 1998)

Ensina o Catecismo da Igreja Católica que, por meio da oração a Igreja implora a misericórdia divina:

"2854. Ao pedirmos para sermos libertados do Maligno, pedimos igualmente para sermos livres de todos os males, presentes, passados e futuros, dos quais ele é autor ou instigador. Nesta última petição, a Igreja leva à presença do Pai toda a desolação do mundo. Com a libertação dos males que pesam sobre a humanidade, a Igreja implora o dom precioso da paz e a graça da espera perseverante do regresso de Cristo. Orando assim, antecipa na humildade da fé a recapitulação de todos e de tudo, n'Aquele que «tem as chaves da morte e da

morada dos mortos» (Ap 1, 18), «Aquele que é, que era e que há-de vir, o Todo-Poderoso» (Ap 1, 8) (149):

«Livrai-nos de todo o mal, Senhor, e dai ao mundo a paz em nossos dias, para que, ajudados pela vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e de toda a perturbação, enquanto esperamos a vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador» (150)" (Catecismo da Igreja Católica. QUARTA PARTE. SEGUNDA SECÇÃO. §2854)

É possível refletir, então, que as enfermidades do ser humano, não foram contraídas pelo pecado original, mas de certa forma, a crença cristã insere essa culpa no ser humano, para que haja controle do seu livre-arbítrio. Por fim, segundo os ensinamentos do Catecismo da Igreja Católica, o ser humano, deve constantemente se lembrar que é filho de Deus, que esse Deus já redimiu seus pecados no batismo e que o ser humano precisa elevar a Ele suas orações, a fim de receber o perdão pelas suas faltas, cometidas durante a vida:

" 2777 (...)Este umbral da santidade divina, só Jesus o podia franquear, Ele que, «tendo realizado a purificação dos pecados» (Heb 1, 3), nos introduz perante a face do Pai: «Eis-me, a mim e aos filhos que Deus Me deu!» (Heb 2, 13):

«A consciência que temos da nossa situação de escravos far-nos-ia sumir sob o chão, a nossa condição terrena dissolver-se-ia em pó, se a autoridade do próprio Pai e o Espírito do Seu Filho não nos levasse a soltar este grito dizendo: "Deus mandou o Espírito do Seu Filho aos nossos corações clamando Abba, ó Pai!" (Rm 8, 15) [...]. Quando é que a fraqueza dum mortal se atreveria a chamar a Deus seu Pai, senão somente quando o íntimo do homem é animado pelo poder do alto?»." (Catecismo da Igreja Católica. QUARTA PARTE. SEGUNDA SECÇÃO. §2777)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"E o testemunho é este, que Deus tem nos dado vida eterna, e Sua vida é Seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; Aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida." (1 João 5:11-12). Para concluir, esta reflexão foi uma busca de entendimento sobre a relação pecado, culpa e anulação do ser, para a vivência de uma plenitude de promessa de remissão dos pecados, a partir do momento que se assume uma identidade de seguidor da Palavra de Deus e das crenças em sua fé cristã católica, segundo os documentos da Igreja, sendo justificado por uma ética universal. Portanto, uma vez, na tentativa de distanciar, de forma reflexiva, os pensamentos de construções culturais como Deus, a culpa e o pecado, seja possível elaborar novas possibilidades de dar sentido aos erros e equívocos, vinculados à religiosidade, instrumento de dominação, por parte de instituições e propagação de vozes da civilização humana, que tenta utilizar, de forma impiedosa, daqueles que experimentam a vivência religiosa, como âncora e razão de existência.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Patrística - A graça (I): O espírito e a letra - A natureza e a graça - A graça de Cristo e o pecado original**. Tradução de Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1ª ed, 1998. 5ª reimpressão, 2014

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. Vários tradutores. Coordenação Carlos Josaphat Pinto de Oliveira. São Paulo: Loyola, 2001-2006, 9 vols.

AQUINO, Tomás de. SUMA TEOLOGICA VOL. 5: SUPLEMENTO. Tradução: Alexandre Correia - 1ªED. 2016. Documento disponível: <https://alexandriacatolica.blogspot.com/2017/04/suma-teologica-traducao-de-alexandre.html#comment-form> (acesso 18 de janeiro de 2023)

BÍBLIA. **Tradução Ecumênica: Novo Testamento**. Ed. integral. São Paulo: Loyola, 1987.

BÍBLIA Sagrada: **nova tradução na linguagem de hoje**. São Paulo: Paulinas, 2005.

BÍBLIA, A: **Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 2016.

BÍBLIA Sagrada. Petrópolis: Vozes, 1988.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas, Loyola, Ave-Maria, 1993.

PAPA BENTO XVI. **Ângelus dominical**. Vaticano, 09 Set. 2012 / 01:24 pm. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/angelus/2012/documents/hf_ben-xvi_ang_20120909.html (acesso em 13 de janeiro de 2023) vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y-cZQK7jAGo&list=PLC9tK3J1RlaZGkT-qS3F021VSzUv-YuwO&index=26> (acesso em 13 de janeiro de 2023)

PAPA JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica REDEMPTOR HOMINIS**. Vaticano: 1979. Disponível em https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html

RICOEUR, P. **O conflito das interpretações**. In: Ensaios de hermenêutica. São Paulo: Imago, 1978.

SOUZA, Marcus Valério Saavedra Guimarães de. **Modalidades de culpa** Disponível em: http://www.valeriosaavedra.com/conteudo_6_modalidades-de-culpa.html.